

LEONTINA

Priscila Miraz¹

I

Leontina seguia pela tarde. Ao atravessar os batentes da porta da casa, interrompeu a frase que lhe escapava resmungada do pensamento: a possibilidade de cair. Só uma insinuação, no entanto, porque não admitia pensar em fragilidades, e assim tratava as mais evidentes: como lampejos, clarões agudos que se dissolviam no escuro intenso que abole profundidades, que incorpora anônimos tempos desconexos e emaranhados que formavam seu longo dia há anos. Demorou a acertar a mão no disfarce dos pontos vulneráveis, como tinha demorado a aprender com a mãe a fazer, irrepreensível, uma vira francesa.

II

De todos os dias, aprendeu lentamente a reservar as quartas-feiras. Chegava do trabalho no mesmo horário, comia no mesmo horário, mas o sono, que aparecia por costume depois do banho, foi cedendo a uma excitação que Leontina domesticou pra usufruí-la racionalmente. Se já era de seu feitio certa tendência aos rituais, nas quartas-feiras era renunciada sua intensificação na contrição de seus modos ao pôr o primeiro pé na calçada do Largo da Lapa, quando descia do bonde já quase vazio. Era cerimoniosa nos passos, no movimento dos quadris, nas posturas momentâneas do rosto altivo. Cumprimentava os conhecidos no caminho até a pensão com um sorriso pequeno e dosado de maneira que parecia aos que o recebiam mais sérios que o cumprimento de cabeça que lhes dirigia nos outros dias da semana. Comia o *pan de bigos* comprado no armazém da Heitor Penteadó, onde tinha uma folha com seu nome e suas despesas, separadas em colunas riscadas a lápis e encabeçadas pelos nomes dos meses, na caderneta do espanhol. Depois de comer, esperava ainda meia hora pra seguir até o banheiro único da pensão, no fim do corredor, com as coisas próprias pra seu banho embrulhadas na toalha vermelha. Prendia a respiração com a água fria, ainda com mais força quando lhe caía abundante nas costas,

¹ priscilamiraz@yahoo.com.br

descida em golfadas dos cabelos que lavava sempre. No espaço alagado do pequeno banheiro, vestia meticulosamente a meia de seda, equilibrando-se feito flamingo, depois os sapatos pretos de salto, e só então o vestido branco de bolinhas pretas, o primeiro que fez pra si mesma. Quando ainda no corredor, voltando ao quarto, ouvia os barulhos do amor no quarto logo acima do seu. Guardava as roupas usadas e pendurava a toalha molhada no espaldar da cadeira da cômoda usando a pouca luz que entrava pela janela. Sentava na pequena poltrona no canto mais escuro do quarto, e era ali, ouvindo os amantes, que Leontina lentamente amolecia o corpo e se deixava escorregar pela poltrona, ficando de olhos fechados, letárgica, esperando, despindo-se prazerosamente da rigidez auto-imposta. No quarto de cima, depois de um curto silêncio, ouvia-se a janela abrir, e logo começava um solo de violino queixoso, que a alemã tocava ainda nua, e que a Leontina parecia o suspiro entrecortado do vazio do coração e do corpo da mulher. Antes do violino cessar Antonio batia na porta os dois toques curtos, e a Leontina que atendia tinha já os olhos de entrega que ele bem conhecia. E sorria doce do jeito que não costumava ser. Então ele tirava o chapéu de feltro verde escuro e o pendurava no espaldar da cadeira, junto da toalha molhada. Jogava o paletó na poltrona enquanto Leontina tirava as nêspas, que era um dos tantos mimos constantes que ele lhe trazia, do pacote de papel pardo e as arrumava, as quatro, no criado-mudo, ao lado da cama, junto de um pequeno baú de madeira que era mantido sempre vazio.

Antonio foi surpreendido pelo gostar daquela mulher quieta e séria à braveza, que primeiro lhe foi rude, pra só depois aceitar a rosa única que ele ofereceu já na iminência de desistir, com a frase dita a seco, em seu tom monótono: Sua teimosia junto com o desenho das sobancelhas me aproxima de Gaetano. Acostumou, não sem antes se bater inutilmente com seu orgulho, ao convívio com o segredo que o silêncio dela guardava e que os olhos tentavam alcançar quando no desespero do amor, fugiam dos seus e fixavam o pequeno baú vazio. Disse a Leontina uma única vez de seu desejo de casar, e a resposta foi no mesmo tom da primeira: não. Apesar de querer insistir, se conteve por saber que ela lhe falaria com sua tranqüilidade áspera o que já sabia, e preferiu não ouvir todas as letras, a história toda, e continuar ali com ela, da maneira inventada por ela de através do amor dele, amar outro homem.

III

Saiu da casa do pai depois de receber a herança destinada às filhas e a proibição de casar com o calabrês: *japonês e calabrês foi o diabo que fez*. Ouvia o pai dizer. E a casa ria. E os irmãos olhavam rindo o silêncio apertado na boca da Leontina sufocada pela rudeza do mando submisso no olhar deles, que eram olhados pelo pai que, ainda rindo fingia ajeitar-se na cadeira para disfarçar a mania de olhar a porta aberta atrás de si, na procura pelos olhos azuis do pai que morreu na Itália. Mandaram a máquina de costura depois de Leontina já instalada na pensão da capital. Dona Olímpia deixava que ficasse lá no canto da sala. Não era um piano, como da francesa que tinha ido embora, mas servia pra encher o vazio. E Leontina podia pegar encomendas fora da loja onde trabalhava. Nas primeiras noites passadas trabalhando, era involuntário o movimento balançante do corpo no compasso do barulho da máquina. Era a contra gosto que caíam lágrimas sobre os panos que costurava zelosa. Era a hora em que a voz do pai surgia dentro de seus ouvidos: Toma tua herança, Leontina. Mulher tem que saber costurar. Pode te faltar marido, mas não te faltará trabalho. Os pés hábeis no pedal de ferro abaixavam e levantavam, impondo um monótono e estrondoso acompanhamento ao sono da pensão. Então o movimento era já Leontina. E os outros inquilinos não reclamavam. Acostumaram com a companhia noturna da mulher que vinha sozinha do interior, e que poucos conheciam o rosto. Mais uma que vinha sozinha e sem rosto. Sabiam de seu som, mas não de sua imagem. A máquina era a corrente da pena de Leontina.

IV

Ali no baú só cabia o anel de Gaetano. Foi o que ele disse ao entrega-lo envolto em pano encardido, pela janela, na hora da sesta de toda colônia. Ele ia dar o anel. Tinha feito o baú com o que sobrou da cama de casal encomendada por gente da cidade. Madeira muito boa, aquela peroba rosa. Aprendia a trabalhar com ela. E era rápido. E era bom. Compraria um

anel, porque não tinha de herança, e o pai pouco caso fazia dessas coisas. Queria que trabalhasse e isso bastava. Não tinha que saber mais. Era homem que trabalhava e amargurava o que era. Famoso bebedor moreno de explosões patéticas e olhos tão verdes e tão tristes que punham a pensar. Por isso não gostavam dele. Um calabrês. E Gaetano era de insuportável semelhança: só o olhava de esguelha, lhe resmungava mais que lhe dizia. Até que parou de lhe falar. Na noite em que foi buscar Gaetano espancado vomitando o seu sangue na praça da colônia, não lhe falou mais. Lavou o rosto do filho chorando frente ao espelho, lhe deu roupas limpas e um silêncio mastigado até o fim da vida. E Gaetano só parou de apanhar dos irmãos de Leontina depois que ela foi embora no meio da noite sem se despedir, e de lhe roubarem o anel e o lenço de seda, presentes pra noiva. A herança do pai seguiu depois, no caminhão que tinha trazido as perobas. Sabia que o adiantamento da herança era um adeus à primogênita. Que nunca mais voltasse. Ainda ficava com onze em casa.

V

Em sua confusão era límpida e estranguladora a lembrança da espera. Essa perdurava envolvendo outras menos nítidas, outras menores e passageiras lembranças que abriam buracos diminutos no contínuo, como se pontilhassem um enorme escuro que era a espera de Leontina. Pelas tábuas mal postas da casa entrava uma luz estrangeira, uma luz que vinha do outro mundo ao qual ela já não pertencia e podia ignorar. O corpo magro continuava o balanço como se ouvisse canção antiga, e era sua teimosia de vida que a prendia ao dormir e acordar ininterruptamente. Assim, por noventa e quatro anos. Era como Leontina esperava. Lembrando de cada minuto de sua espera. Por carta. Por recado mandado. Por visita. Pela vinda definitiva ao seu encontro. Pelo anel que o baú denunciava a existência. Por outra vontade de aventurar-se igual a que ela tinha, profunda a ponto de ser despida e entregue, a ponto de ser capaz de receber sem prévias, sem prerrogativas o que se mostrava a ela como novo. Tinha ânsia em ver outro mundo criado entre as brechas do velho: encontro com outro. E andou pelas ruas atenta aos rostos. Chegava na pensão inquirindo silenciosa dona Olímpia, que vez ou outra lhe entregava

carta da mãe. Abria rasgando o envelope e corria os olhos na procura de um único nome que a escrita lhe negava. Até que a letra infantil da mãe lhe endereçou um pacote pardo amarrado com barbante, que aberto continha unicamente um lenço de seda azul-turquesa que gritava seu nome pela marca de sangue seco que guardava.

VI

Quando resolveu que voltaria era mulher. Era boa modista e sabia que faria freguesia sem demora. Instalou-se num pequeno hotel na avenida principal até achar a casa que seria sua e seria sempre cheia enquanto tivesse forças. Abraçou a mãe num encontro casual no armarinho Santa Rosa. Não perguntou por ninguém nem foi ao túmulo do pai. Antes de descer pra calçada, disse à mãe que também, ao seu modo, era viúva de Antonio. A mãe continuou o choro forte, apertando nas mãos em concha um lenço puído que fez subir pela espinha de Leontina um calafrio. Podiam existir ainda familiaridades.

VII

O portão enferrujado era duro de abrir. Via de algum lugar suas mãos secas tentando abri-lo com esforço. Passou pela brecha que conseguiu e parou. E parada era alguma outra coisa perdida que não se sabia. Aqueles espaços que eram cada vez mais constantes onde Leontina era livre no esquecimento de tudo. Mas ali devia saber se subia ou descia a rua. Depois achou que isso já tinha deixado de fazer sentido há algum tempo e desceu seguindo a direção dos carros. Seus passos eram acompanhados pelos olhos. Precisava ver as pontas dos sapatos se alternando e assim se convencer de que andava. Tinha um sol tão forte depois da chuva rápida, que queimava as vistas de Leontina, da Leontina que já não sabia de si mais do que fosse o comovente nela. E resmungava enquanto andava na cidade de lampejos de reconhecimento. Os cabelos amarelados e secos caíam pelo rosto e atrapalhavam. Foi quando se lembrou de que ainda tinha cabelos. Olhou de relance a imagem que passava pela vitrine grande de uma loja e parou. Então assim era ela? Essa era a mulher com quem conversava todo o tempo? Agora entendia a falta de entendimentos e de cumplicidade! Era o que dizia às pessoas na rua. Teve raiva da mentira refletida e quis

sair dali. Pisou em falso no meio fio, e foi o corpo cavado de magreza do reflexo que respondeu à gravidade. Foi o corpo que se quebrou. Uma mulher que saia da loja correu estendendo os braços prontos pra levantar Leontina que se livrou deles num safanão. Ela ainda insistiu com a pergunta: Como a senhora está? E Leontina se lembrou do reflexo. E chorou duro a resposta: Só pele, osso e ódio.